

CVM CENTRO DE ESTUDOS VICTOR MEYER

Projeto: Recuperação do acervo da ORM – Política Operária

A OLAS E A REVOLUÇÃO SOCIALISTA NO CONTINENTE

Documento da ORM – PO (fase POC), publicado em Maio/1968
Documento digitalizado em: 06.05.2009
Fonte: Acervo Victor Meyer

A OLAS E A REVOLUÇÃO SOCIALISTA NO CONTINENTE

A continentalidade da revolução na América Latina é demonstrada pela própria organização das classes dominantes (OEA, FIP), que agem em conjunto no sentido da repressão aos movimentos revolucionários e boicote econômico a Cuba.

A pedido das classes dominantes, o imperialismo está pronto para intervir no país onde as massas exploradas ameacem por em xeque o poder local. As contradições que possam existir entre as classes dominantes locais e o imperialismo não passam de manifestações de barganha por melhores vantagens na distribuição do bolo do lucro. Ou seja, não há contradições antagônicas entre as burguesias locais e o imperialismo e sim sólidos laços de interesse na defesa do atual sistema de exploração econômica. Toda essa estratégia política dos governos latino-americanos é colocada em função de uma maior integração no sistema imperialista. Os golpes militares expressam, por um lado a falência das democracias burguesas no continente, mas são também financiados pelo imperialismo, com o adestramento ideológico e militar dos exércitos latino-americanos. Os planos educacionais são financiados pela USAID e aplicados segundo as necessidades da integração com o imperialismo. Os pelegos sindicais são doutrinados e amestrados pelas organizações sindicais internacionais vinculadas ao imperialismo. No campo, o imperialismo desenvolve "ações pacificadoras" através de missões religiosas e os "Peace Corps".

Toda essa "infiltração" imperialista se dá em comum acordo com os governos latino-americanos. A integração e dependência das classes dominantes locais em relação ao imperialismo têm como conseqüência a integração, entre si, dos governos latino-americanos. As vacilações e aparente independência de certos governos devem-se ao fato de que as lutas de classe não chegaram a pontos críticos nesses países. Na medida em que se estabeleceu a aliança entre as burguesias nacionais e os latifúndios, devido à fraqueza das burguesias em estabelecerem reformas estruturais mais profundas e a conseqüente movimentação das massas exploradas que isso acarretaria, o capitalismo no continente se tornou um entrave ao crescimento econômico. Nesse sentido é possível prevermos a derrocada dos últimos restos de democracia burguesa no continente. As ditaduras abertas são uma necessidade histórica dos sistemas capitalistas subdesenvolvidos para conter a organização das classes oprimidas, para defender os lucros de industriais e latifundiários contra a extrema anarquia na produção e as inflações monetárias.

Para os trabalhadores do continente só resta o caminho do socialismo para por fim à miséria e alcançar a liberdade política. Para realizar esse objetivo os povos oprimidos do continente são obrigados a opor, à aliança de seus dominadores com o imperialismo, a revolução continental. A criação de muitos Vietnãs no continente terá como conseqüência a divisão e enfraquecimento das forças de intervenção; a continentalidade da revolução se manifesta também no desenvolvimento da luta armada. A realização e a defesa do socialismo estão para nós intimamente ligadas à efetivação de uma estratégia comum para os revolucionários latino-americanos. Aí se coloca a necessidade e a importância da OLAS como propulsor e orientador da

revolução socialista na América Latina.

O Significado da 1ª Conferência Latino-Americana de Solidariedade

As grandes revoluções deste século se deram apesar daqueles que diziam não "haver ainda condições", que não era o momento adequado para a tomada do poder ou para a iniciativa revolucionária. Contra concepções oportunistas tiveram que se bater os grandes líderes revolucionários de nossa época e a História demonstrou a justeza de suas posições. O oportunismo foi mais uma vez derrotado, com a vitória da revolução cubana. Foi comprovada a possibilidade de derrota do imperialismo no continente e da necessidade do caminho armado para a tomada do poder pelas classes oprimidas.

O exemplo cubano se tornou o grande atrativo para as massas trabalhadoras da América Latina. Mas nem todos deram ouvidos aos fatos. Na esquerda latino-americana ainda continuam existindo aqueles que constataam a realidade, mas não agem para transformá-la. Afirmam eles que "o imperialismo esta em sua crise final, o que torna a revolução mundial inevitável". A concepção fatalista da História gerou o pacifismo e o reformismo como ideologia oficial da maioria dos PCs do mundo. O materialismo dialético deu lugar a um materialismo mecanicista. E como a História não se dá mecanicamente, a vontade desses revisionistas, que é exatamente a vontade de não fazer revolução, teve um efeito reacionário: tornou estéril a teoria e possível a capitulação perante a burguesia.

Em nosso continente a "teoria" desses comunistas, possibilitou a derrota de movimentos revolucionários, que tiveram que se submeter às necessidades das chamadas "burguesias nacionais". Contra o pacifismo e o reformismo, e sob o signo da revolução cubana, se levantou a 1ª Conferência da OLAS. Era preciso estabelecer no continente uma distinção clara entre aqueles que querem fazer a revolução e aqueles que não querem. Como primeiro passo isso foi feito e, indiscutivelmente, a OLAS se colocou como vanguarda revolucionária dos povos da América Latina. A solidariedade militante, a posição corajosa do povo cubano dando integral apoio aos trabalhadores dos outros países, a procura de uma unidade entre os revolucionários, marcaram o saldo positivo da Conferência. Mas houve insuficiências e incorreções nas resoluções da Conferência que são bastante prejudiciais aos movimentos revolucionários. Considerando que a luta revolucionária no continente é bastante complexa, o que imputa grande responsabilidade às vanguardas e exige delas uma compreensão científica da realidade na América Latina e dos meios de luta a serem utilizados, cabe aos marxista-leninistas apontarem os desvios que vêem nas posições tomadas pela Conferência, com o intuito de abrir o debate entre os revolucionários latino-americanos.

As insuficiências da 1ª Conferência da OLAS

A teorização não crítica da prática que a esquerda revolucionaria já vinha levando desde a vitória da revolução cubana; a não apreensão dos verdadeiros ensinamentos da única revolução socialista vitoriosa no continente, foram fatores que determinaram a elaboração de um novo dogma, presente nas formulações das teses aprovadas pela Conferência. Os crimes cometidos aos movimentos revolucionários pelos PCs no continente e à conseqüente decisão de Cuba em

romper definitivamente com o oportunismo do "Comunismo" oficial, influenciaram a Conferência a cair em sérios desvios, porque, o rompimento não foi acompanhado da restauração dos verdadeiros princípios do materialismo dialético. Assim é que um falso modelo da revolução cubana se tornou um dogma entre os revolucionários do continente. Ao economicismo do tradicional revisionismo de direita se opôs uma forma de voluntarismo. E certamente temos que combater o perigo da substituição do materialismo mecanicista por qualquer idealismo voluntarista.

O espontaneísmo que marcou a revolução cubana se reflete na falta de precisão e rigor científico nas análises históricas e na caracterização da luta atual, o que tem como consequência a falta de uma compreensão correta das lutas de classe no continente, desde o século passado até o presente. Pelo fato de que a pequena burguesia teve um papel importante na revolução cubana, o "modelo" aí se encaixa na medida em que se confunde o caráter de classe das lutas no continente, pensando-se com isso a ganhar mais facilmente as camadas radicais daquela classe. A tônica geral das teses aprovadas pela Conferência é a de afirmar que o caráter da luta no continente é pela "Segunda Independência Nacional" e que a "linha fundamental dos movimentos, revolucionários" deve ser a luta armada.

A "2ª Independência" e o caráter da Revolução

Não é a vontade dos revolucionários que determina o caráter de uma revolução, mas sim as necessidades próprias das lutas de classe de uma sociedade. As medidas sócio-econômicas necessárias à libertação das forças produtivas e a correlação de forças entre as classes é que determinam o caráter de uma revolução. Cabe às vanguardas revolucionárias explicitar o caráter de uma revolução e traçar, em função dela, uma estratégia e uma tática para a ação revolucionária. Difundir ilusões ou confusões acerca das classes que participam no processo revolucionário e do caráter da luta, só pode levar a atrasos e derrotas, na medida em que dificulta a tomada de consciência das classes revolucionárias, ou mesmo permite a elaboração de estratégias incorretas.

A Conferência caracteriza a revolução no continente como de "luta pela 2ª independência nacional", após afirmar que a dominação existente é "neocolonialista" e que a luta agora é para alcançar a "verdadeira independência", não atingida no século passado, "liquidar os restos do domínio colonial" e das relações "semi-feudais". Essa caracterização não expressa a realidade econômica e as necessidades das lutas de classe na maioria dos países latino-americanos. Na verdade uma análise científica da História é abandonada em função de uma ideologia que sirva de inspiração aos movimentos revolucionários. Não condenamos a necessidade de uma ideologia continental e revolucionária, o que condenamos é o fato dela não estar voltada para as reais necessidades históricas e sim para as necessidades de uma pequena burguesia radicalizada que não leva as lutas de classe até as últimas consequências.

Quando as colônias da América foram conquistadas no século XVI, o capitalismo comercial estava em franca expansão na Europa, e as sociedades indígenas do continente foram praticamente destruídas ou integradas no processo de colonização. Esses dois fatores impediram a existência do feudalismo no continente, o que não justifica lutar hoje pela extinção de "restos feudais" ou "semi-feudais". As economias aqui construídas se tornaram desde o início apêndices da economia mundial (exceção: EUA) e até hoje o desenvolvimento ou

estagnação de nossos países é influenciado por fatores externos. Com o desenvolvimento da industrialização européia no século XVIII, o capitalismo comercial entrou em decadência e as colônias se tornaram uma realidade anacrônica. A libertação das colônias latino-americanas fez-se necessária para o desenvolvimento das forças produtivas nesses países. Em torno dessa luta uniu-se quase toda a nação em cada colônia: as populações oprimidas se levantaram contra a extrema miséria e o desemprego a que estavam jogadas; os senhores da terra lutaram pela libertação para conseguirem melhores condições para colocarem seus produtos no mercado internacional; e a classe média urbana levantou a bandeira dos ideais libertários da Revolução Francesa e da independência política. E se após a luta revolucionária, os ideais que a moveram não foram suficientes para o desenvolvimento do capitalismo no continente, isso não se deveu à incapacidade dos novos dirigentes políticos por não terem tomado "medidas protecionistas", como afirma a Conferência, mas exatamente porque representavam a classe dos senhores da terra e por ainda não haver indústrias desenvolvidas. Essas só foram possíveis com a acumulação de capital no campo e a entrada do capital estrangeiro. As burguesias industriais do continente nasceram e se desenvolveram aliadas e dependentes do latifúndio e do imperialismo.

A industrialização coincidiu com a passagem do capitalismo internacional da fase concorrencial para a monopolista. Assim é que o capitalismo surgiu no continente já velho, isto é, monopolizado. Por todos esses fatores, as burguesias latino-americanas jamais tiveram o potencial revolucionário que caracterizaram as burguesias européias e norte-americanas. A exploração hoje no continente não é uma nova forma de colonialismo, não é um "neo-colonialismo", como quer a Conferência, é sim, uma exploração monopolista do capitalismo em sua fase imperialista. Hoje, o capitalismo em sua forma monopolista e subdesenvolvida, é um entrave para o crescimento econômico e cultural de nossas populações. Por isso mesmo a classe operária é a vanguarda revolucionária no continente. É a única classe que poderá liderar a luta pela derrubada do imperialismo, pois essa luta, para ser conseqüente, terá que resultar na morte do capitalismo e na vitória do socialismo na América Latina. Mesmo nos países onde a classe operária é pequena, a luta revolucionária deverá ser movida pela Ideologia proletária, pelo marxismo-leninismo, para poder alcançar a vitória.

A luta revolucionária hoje vai dividir cada uma das nações do continente e o continente como um todo: de um lado ficarão os senhores da terra, os capitalistas nacionais, setores das classes médias – todos unidos à força repressiva do imperialismo; do outro lado estarão todos aqueles que vendem de uma forma ou de outra sua força de trabalho: operários agrícolas e camponeses pobres, setores assalariados e intelectuais da pequena burguesia - todos liderados pelos operários industriais do continente. Neste século, a luta revolucionária não é mais de "libertação nacional" como insiste a Conferência, é uma revolução dos trabalhadores, de caráter socialista que irá libertar as forças produtivas e as potencialidades humanas aqui existentes. Se há alguma fonte de inspiração que devemos buscar, não é nos ideais burgueses do século XVIII, mas na Internacional Comunista, a Internacional fundada por Lênin.

Dos grandes líderes das lutas de libertação do século passado, como Simon Bolívar e José Martí, devemos aprender as experiências da luta de classes e o heroísmo de seus líderes revolucionários. Da mesma forma devemos aprender com as grandes revoluções modernas e principalmente com a revolução cubana. Mas querer repetir o que é impossível é um erro imperdoável para militantes revolucionários. No primeiro momento a ideologia democrática da pequena burguesia encobriu mais do que esclareceu o caráter da revolução em Cuba. A busca de "eleições livres" que

motivou os combatentes no início, se apagou ante as tarefas reais que se colocaram para a revolução: a encampação dos setores básicos da economia, a coletivização das grandes fazendas, a tomada do poder pelos trabalhadores da cidade e do campo. Na revolução cubana o espontaneísmo não impediu a vitória da revolução e, mesmo, contribuiu, por retardar qualquer reação do imperialismo. Hoje as classes dominantes taxam de comunista qualquer luta democrática e nacionalista radical e não se deixam mais enganar pela confusão prática e teórica da pequena burguesia. Nesse sentido não é justificável uma ideologia continental que só possa mesmo sensibilizar os setores radicalizados das classes médias.

Para a Conferência, a revolução no continente tem além do mais um "caráter agrário". Entende-se por revolução agrária uma revolução que se dê principalmente no campo, através do levante de camponeses e do cerco das cidades. Revoluções cujas forças motrizes sejam os camponeses pode-se dar em alguns países, mas não é uma característica geral de toda a América Latina.

Em outros trechos a Conferência afirma que o caráter da revolução é socialista; declara que os princípios marxista-leninistas devem ser norteadores da revolução; reconhece "a presença de um proletariado forte e combativo nas grandes cidades", mas na elaboração de toda a estratégia, o papel da classe operária é colocado em segundo plano e o marxismo-leninismo esquecido: não há diretrizes de lutas para os operários nos sindicatos, nas fábricas, como organizar essas lutas, etc. Simplesmente num determinado trecho define que "o papel da classe operária está em levar a ideologia do proletariado à luta de libertação no campo"!

Luta Armada desvinculada da Luta de Classes

Os exércitos latino-americanos estão hoje bem equipados e treinados para a luta anti-guerrilheira. As experiências da guerra de guerrilha no Vietnã e na América Latina desde Cuba foram assimiladas também pelo imperialismo e pelos exércitos títeres. Talvez o imperialismo tenha adquirido maior experiência do que os próprios revolucionários, no que toca aos aspectos militares da luta revolucionária. Ainda faltam aos revolucionários tanto um estudo crítico dos movimentos armados no continente, quanto da própria revolução cubana. Ai está um dos papéis a ser preenchido pela OLAS. Após a revolução cubana a História comprovou que não foi mais possível fazer a revolução empiricamente. É preciso que a OLAS tome uma posição firme contra a improvisação. Não podemos mais depender somente do heroísmo e da audácia de nossos intelectuais revolucionários. Precisamos fazer uma guerra contra o imperialismo. E para isso o potencial revolucionário das massas exploradas precisa ser mobilizado racionalmente. Não basta dizer que os Estados burgueses-latifundiários e os exércitos títeres precisam ser destruídos. É necessário definir uma estratégia e uma tática que possam destruir efetivamente o poder burguês-imperialista no continente. É necessário definir o conteúdo da luta revolucionária e os objetivos concretos da luta armada que vai se travar. Não basta afirmar que a "luta armada é a linha fundamental dos movimentos revolucionários", se ela está desvinculada da luta de classes.

O que se entende por "linha fundamental dos movimentos revolucionários"? É uma afirmação ambígua se não se define o conteúdo da luta revolucionária. É incontestável que sem a luta armada os trabalhadores não tomarão o poder em todos os países latino-americanos. Logo, é um fator decisivo para a vitória, o desenvolvimento correto da luta armada. Mas afirmar, como diz a Conferência, que "as outras formas de luta devem instrumentar-se e capacitar-se em função da

luta armada", acaba se tornando um contra-senso o papel atribuído à luta armada. O imperialismo não mantém seu poder somente através da ameaça ou da repressão armada. O imperialismo tem também a seu favor uma ideologia de classe dominante que se manifesta através do controle da imprensa, da propaganda capitalista, das formas de educação dos trabalhadores, enfim uma ideologia que impregna todos os valores da sociedade e as relações de produção. O imperialismo tem ainda a seu crédito a desorganização das classes oprimidas. Para travar a luta ideológica, para organizar os trabalhadores através da luta econômica e da luta política, para desenvolver a luta armada, que é a forma mais alta de luta política, e preciso o Partido Revolucionário, o Partido marxista-leninista. A complexidade da luta no continente, acrescida da internacionalização inevitável dessa luta, que colocará em confronto, os dois campos que dividem o mundo: imperialismo e socialismo exigem a formação de partidos revolucionários que orientem e liderem a classe operária na tomada e sustentação do poder. E isso deve acontecer também nos países onde a classe operária praticamente não exista, devido ao baixo nível de industrialização; nesse caso os partidos marxista-leninistas são também necessários para identificar ideologicamente a luta revolucionária com a causa operária. A fraqueza político-ideológica da vanguarda será necessariamente capitalizada pelo imperialismo. A luta no continente não poderá ser vitoriosa se depender do espontaneísmo das massas ou do empirismo de revolucionários pequeno-burgueses.

São necessários, em cada país, partidos marxista-leninistas que levem aos trabalhadores a consciência de sua situação e de sua missão; partidos que desenvolvam a agitação e propaganda anticapitalista nas fábricas, nas fazendas, nas empresas em geral e nas universidades, que decidam o momento exato de deflagração da luta armada e que orientem politicamente o desenvolvimento da insurreição. Devido a continentalidade da luta será necessário no futuro, a união dos partidos revolucionários locais em um Partido Marxista-Leninista de todo o continente. Deve ser esse o objetivo, estratégico dos comunistas latino-americanos: unificar os movimentos revolucionários em torno de um Partido continental marxista-leninista. Para alcançar esse objetivo estratégico é imprescindível que, desde já, estimulemos a formação de partidos revolucionários em cada país e a organização independente dos trabalhadores, que desenvolvamos uma intensa luta ideológica contra o reformismo, o pacifismo e as concepções pequeno-burguesas. Cabe a OLAS denunciar a ação do imperialismo e dos governos locais, denunciar a situação de miséria das massas exploradas, e divulgar as experiências revolucionárias de cada país, principalmente em relação às lutas guerrilheiras, os seus erros e as suas conquistas. Para uma ação mais conseqüente da OLAS como frente de esquerda anti-imperialista, é importante que a frente tenha como núcleo principal os marxista-leninistas do continente, em torno do qual ela se aglutina. É nesse sentido que não devemos poupar críticas as concepções que negam, na prática, a necessidade de formação de partidos revolucionários em função de uma luta armada abstrata.

Os verdadeiros ensinamentos da revolução-cubana nos mostram que o foco guerrilheiro é um catalisador do movimento revolucionário, que incentiva a organização e tomada de consciência das massas exploradas. Esse fato se deu em Cuba porque estavam dadas as condições objetivas necessárias para a deflagração da luta armada. Era uma situação revolucionária causada pela falência do regime burguês-latifundiário: a ditadura de Batista não conseguia resolver os problemas socioeconômicos existentes; as massas trabalhadoras estavam condenadas ao desemprego e à fome; o proletariado, com um alto nível de consciência de classe e de tradição de luta estava disposto à subversão da ordem. Os guerrilheiros, ao

descerem a serra tiveram o apoio da classe operaria em greve geral. O papel que teve o proletariado cubano, na vitória da revolução, foi decisivo, fator esse que não é levado devidamente em conta pela OLAS e pela maioria da literatura que se publicou a respeito da revolução cubana.

Em Cuba a revolução foi vitoriosa apesar do empirismo de sua vanguarda. Hoje o imperialismo não se ilude mais e está muito mais preparado para intervir aonde quer que se crie uma situação revolucionária. Incontestavelmente, em toda a América Latina, as condições objetivas são favoráveis à revolução, ou seja, todos os países latino-americanos passam por uma crise de desenvolvimento, e as grandes massas exploradas estão jogadas na miséria. A instauração do foco guerrilheiro, a iniciativa armada das vanguardas pode ser uma necessidade imediata e urgente em uns países, enquanto que em outros pode não o ser. A Conferência afirma simplesmente que "hoje, em todos os países da América Latina estão maduras as condições para dar início a uma luta armada" e que as outras formas de luta devem instrumentar-se e capacitar-se em função da luta armada. Mas a resposta correta à questão só pode ser dada, para cada país, em relação ao nível atingido pela luta de classes. Na maioria dos países, o nível de consciência e organização da vanguarda revolucionária é baixo, o que é causa e efeito da pouca organização e falta de consciência das classes exploradas. Há países que, apesar da crise crônica de desenvolvimento, passam por períodos de relativa retomada do desenvolvimento. Em todos esses países a tarefa de preparação da luta armada pode ser tão importante quanto a de agitação e propaganda anticapitalista no seio das massas trabalhadoras, mas essa última tarefa não se exclui em nenhum país. O nível de importância para cada tarefa só pode ser dado e desenvolvido em função das necessidades concretas das lutas de classe.

Quando a Conferência afirma que a "luta armada é a melhor escola de quadros políticos", é importante que se acrescente que não é a única e nem é a "escola" suficiente para a formação de políticos revolucionários que organizem e dirijam os trabalhadores para a vitória. Essa afirmação insuficiente da Conferência é uma consequência lógica da colocação empirista da luta armada sem conteúdo de classe. Ao invés de combater os políticos pequeno-burgueses, a Conferência dá força a eles, abrindo perspectivas de que serão ganhos para a ideologia operária, unicamente a partir da ação armada. É uma constância na história do movimento comunista internacional o empirismo ter como fundamento o desprezo do dado *consciência* no processo revolucionário. A Conferência lembra as lutas de libertação para afirmar que no século passado, os revolucionários já sentiram a necessidade, do comando único político-militar. A política revolucionária é entendida em função da ação militar e essa deve ter como consequência aquela. O heroísmo acaba sendo a única condição de vitória, quando se deixa de lado a consciência e organização das massas exploradas, abandona-se também a consciência e a organização da vanguarda. Para a Conferência a consciência da vanguarda se forma através da luta armada; e a necessidade de partidos revolucionários não é sequer mencionada. Se não existem revolucionários com o mínimo de consciência, organização e experiência no trabalho de agitação e propaganda para poder acompanhar a luta guerrilheira de um Intenso trabalho revolucionário nas cidades, a deflagração do Foco será um ato aventureiro e condenará seus autores a derrota. A deflagração em si da luta armada não produz mecanicamente uma política revolucionária do proletariado, nem mobiliza os trabalhadores. Com a luta armada desvinculada da luta de classes, o exército títere terá melhores condições de infringir derrotas ao Foco isolado das massas trabalhadoras. Se não foi assim, ou bem assim, que aconteceu em Cuba, ou no século passado, não é por isso que vamos tentar repetir o que não é possível

repetir. A imagem da revolução cubana deve nos servir para tirar lições aplicáveis e não como um dogma, como modelo absoluto de revolução na América Latina.

A necessidade objetiva da continentalidade do processo revolucionário deve refletir na consciência e na ação dos revolucionários para que aquela necessidade seja realizável. Nesse sentido a "unidade dos movimentos antiimperialistas do continente" que a OLAS propõe "propiciar e impulsionar" é insuficiente se não é definida uma estratégia baseada nas reais necessidades históricas, para que os revolucionários possam se unir em torno dela. Quando se define que a revolução no continente é proletária, ou mesmo para alguns países que ela deve se dar sob hegemonia ideológica do proletariado, não há motivos plausíveis para concessões ideológicas à pequena burguesia no que toca ao caráter da revolução e ao conteúdo da luta armada.

Maio/ 68

Partido Operário Comunista

SEN – Secretaria Executiva Nacional

(NOTA - Esse texto foi apresentado pelo relator da matéria ao Congresso de Fundação do PARTIDO OPERÁRIO COMUNISTA.)